

**OS HORIZONTES LITERÁRIOS DA ESCRITA CONTEMPORÂNEA DE NÉLIDA
PIÑÓN¹**
**THE LITERARY HORIZONS OF NÉLIDA PIÑÓN'S CONTEMPORARY
WRITING**

Tatiane Silva Morais²

RESUMO: Referência na literatura brasileira, de ascendência portuguesa, hispânico-espanhola e galega, Nélda Piñón é uma escritora contemporânea que congrega os legados de uma herança rica e pluricultural em sua escrita. Este ensaio traz como objetivo apresentar os horizontes da narrativa contemporânea de Nélda Piñón, fazendo um breve passeio por suas principais obras, guiando-se pelos os olhares e posicionamentos de estudiosos críticos da escritora. Com um projeto literário entremeado de dramas humanos e territórios socioculturais, a autora apresenta temas do passado, com os signos do presente e prenúncios do futuro. Percebe-se ao longo do ensaio, que as narrativas da ficcionista edificam-se em constantes mudanças, ainda que mantendo fidelidade aos temas básicos. Estes renascem em novos aspectos acionados pela dinâmica do seu ato de escrita. O certo é que suas obras estão cheias de entrelaçamento estético, mítico, sagrado e histórico, o que lhe faculta diferentes caminhos de leituras.

PALAVRAS –CHAVES: Literatura; Contemporânea; Nélda Piñón;

ABSTRACT: Reference in the Brazilian literature, Nélda Piñón is a contemporary writer of Portuguese, Hispanic-Spanish and Galician ancestry, who gathers the legacies of a rich and pluricultural heritage in her writing. This essay aims to discuss the horizons of Nélda Piñón's contemporary narrative, with a brief tour of her main works, based on the views and positions of some critics of the writer. With a literary project surrounded by human dramas and sociocultural perspectives, the author introduces themes from the past, with the signs of the present and foreshadows of the future. It is noticeable that the writer's narratives are constructed in constant changes, although she maintains fidelity to the basic themes. They are recreated in new aspects established by the dynamics of her writing act. The fact is that her works are full of aesthetic, mythical, sacred and historical aspects, which provides different ways of reading.

KEYWORDS: Literature; Contemporary Literature; Nélda Piñón.

1 A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE NÉLIDA PIÑÓN

Referência na literatura brasileira, escritora com a voz ibero-americana no Brasil, Nélda Piñón nasceu no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, com raízes em Catobade, na Galícia, um fator preponderante no projeto de sua escrita literária. Graduada em Jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro, tem uma vida pautada pela dedicação à literatura.

¹ Trabalho orientado pelo o professor Dr. Diógenes Buenos Aires, no processo de escrita da dissertação de Mestrado.

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: tatiamorais19@gmail.com

Antes de adentrar aos horizontes literário de Nélide Piñon, faz-se um breve apanhado sobre sua vida dedicada ao ofício da escrita. Como a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 30, a escritora é celebrada internacionalmente no universo das Letras, com muitos prêmios literários.

Com obras traduzidas para diversos países como Alemanha, Itália, Espanha, Estados Unidos, Cuba e Nicarágua. Tem uma trajetória marcada de conquistas, ganhou recentemente o prêmio Literário *Virgílio Ferreira* 2019, em 2004 o *Puterbaugh Fellow*, em 2001 o Ibero-Americano de Narrativa *Jorge Isaacs*, no ano de 1995, em território mexicano, o prêmio *Juan Rulfo* de Literatura Latino-Americana e do Caribe, prêmio este nunca concedido a nenhum autor de língua portuguesa. Em 2005, foi laureada com o *Príncipe de Astúrias*, na Espanha. Já proferiu diversas conferências sobre temas ligados ao universo literário em várias universidades estrangeiras, dentre elas *The City University of New York*, *Sorbonne* e *Harvard*.

Com um projeto literário entremeado de dramas humanos e territórios socioculturais, Piñon estabelece em sua Literatura temas do passado com os signos do cotidiano e prenúncios da posteridade. Sônia Regis, uma das primeiras críticas a recepcionar a obra da autora, em 1982. Em ensaio intitulado *Sarça Ardente*, já antecipa que a escrita de Piñon, exige um leitor atento, pois contém em si o enigma da própria criação:

A obra de Nélide Piñon exige do leitor que se embrenhe na sua intriga para perder-se no mistério da própria criação, pois seu texto é crivado de referências ao movimento da gênese poética. Sua narrativa inaugura assuntos para fundar o tema da invenção, organizando a linguagem para criar um corpo que sobreviva no tempo e na memória. (REGIS, 1982, p. 105)

Com a autenticidade que se vincula por toda a sua narrativa, formado pelo discurso da invenção imaginativa, o texto de Piñon, como se percebe na citação anterior, traz referências do seu processo de criação. Segundo Regis (1982), é em *Tebas do Meu Coração* (1974), sua sétima obra, que se apresentam mais visivelmente os princípios da estética da escritora, que alicerça toda a sua produção literária:

Em *Tebas do Meu coração*, um romance ousado nas formas da sua intencionalidade, a escritora estabelece os princípios desta estética original, que tem embasado toda a sua obra. *Tebas* é a memória ocupada por dois territórios limítrofes, verso e reverso que se hostilizam mas se completam. (REGIS, 1982, p.107).

Nélide Piñon entrou no cenário literário brasileiro em 1961 com um romance experimentalista, *Guia mapa de Gabriel Arcanjo*, em que reflete sobre as relações dos mortais com Deus. Demonstrando uma ousadia adolescente na tentativa de instauração de uma estética diferencial, que a crítica apressadamente rotulou de hermética.

A escritora atualmente, apresenta 23 obras publicadas no Brasil, sendo elas os romances: *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), *Madeira feita cruz* (1963), *Fundador* (1969), *A casa da paixão* (1977), *Tebas do meu coração* (1974), *A força do destino* (1977), *A República dos sonhos* (1984) *A doce canção de Caetana* (1987), e ainda *Vozes do deserto* (2004); os fragmentos de memórias: *Coração Andarilho* (2009) e *Livros das Horas*; as de contos: *Tempos das Frutas* (1966), *Sala de Armas* (1973) e *O Calor das Coisas* (1980), e ainda os fragmentos *O Pão de Cada dia*; as crônicas: *Até amanhã, outra vez* (1999) além da obra infantojuvenil *A Roda do Vento* (1996), bem como os ensaios *O Presumível Coração da América* (2002), *Aprendiz de Homero* (2008), *Filhos da América* (2016) e recentemente *Uma Furtiva Lágrima* (2019).

Sobre o ofício de escritora, dessa vasta produção citada, Nélida Piñon, pronuncia-se no “Mito da Criação”, publicado na última obra de ensaios intitulada *Filhos da América* (2016):

Mas, como prova de que teci diferente de Penélope, que à noite desmanchava a própria história, contrária a Ulisses que, egoísta, soube armar a sua inteira para ele, **fui divagar me fazendo escritora**. Devagar invadindo o ofício sem logo reconhecer a categoria do material com que lidava, sem lhe dimensionar os limites. E isso porque a consciência e os encargos éticos desse ofício se conquistam com os anos, especialmente com o socorro da paixão, essa matéria ígnea capaz de traduzir o que a lucidez, muitas vezes, não pode explicar. (PIÑON, 2016, p. 358, grifo nosso).

Como declara, foi aos poucos se fazendo escritora, e, na mesma medida, ganhando espaço no cenário literário brasileiro. É conhecida pela produção de romances complexos e volumosos; um exemplo disso é, *A República dos Sonhos* (1984), romance de teor memorialístico e autobiográfico que possui 761 páginas.

Naomi Moniz (1993), em *As viagens de Nélida Piñon*, apresenta uma análise das características literárias da escritora, denominados pela pesquisadora de Gênese da Mitopoética Piñoniana. Conforme Moniz (1993), tal projeto literário apresenta uma multiplicidade de horizontes temáticos. Entre eles, há a extensa preocupação com a criação do texto, a linguagem, a solidão e ainda a reflexão sobre o homem social que ela propõe em sua narrativa.

Um fator marcante colocado pela estudiosa é a questão da mulher que, no texto de Nélida Piñon, constitui uma espécie de sistema particular, visto em toda a sua narrativa. Esse ponto é relevante para a escrita de Nélida Piñon, portanto, é discutido detalhadamente mais à frente.

Outra característica preponderante elencada pela crítica, dentro do universo literário da escritora, é o fato de que todos os textos novos fazem rompimentos com os textos anteriores. Sobre isso, a própria Nélida Piñon elucida em uma entrevista da época da publicação de *Tebas do Meu Coração* (1975):

Em *Tebas do Meu Coração*, continuo fiel à minha proposta, e a cada proposta efetividade me proponho uma crise em relação ao trabalho anterior. Tenho que me desmontar, desarticular toda uma linguagem anterior e, conseqüentemente, quando digo linguagem, falo de linguagem e visão. É como se eu abrisse um armário, me desfizesse de todos os meus pertencentes e sobrasse a carência. (PIÑON apud COSTA,1975, Jornal de Brasília).

Em uma espécie de ritual poético, a escriba – como se nomeia em algumas entrevistas e ensaios – vai se libertando do antigo e deixando vir à tona o novo. Precisa desse cerimonial para se desarticular das impregnações da linguagem já utilizada e deixar fluir o processo de criação novamente.

Por todo esse cuidado com a escrita e pelo uso de uma linguagem densamente metafórica que, desde o princípio da carreira literária, em 1961 com a publicação do primeiro romance, Nélide Piñon é citada pela crítica brasileira como uma escritora hermética e difícil. A respeito disso tece:

Ao chamar de hermético um escritor pretende-se incompatibilizá-lo com o público, é não permitir cataclismos e terremotos necessários. É interditar os debates, é proibir as novas realidades que aí estão e precisam ser narradas. Ocorre apenas que às vezes um autor não está sendo lido, de acordo com seus méritos, numa determinada época. É que, por ser um precursor, passa despercebido pela sensibilidade de seus contemporâneos. (PIÑON, 1986, p. 23).

Posto isso, volta-se as características da literatura de Piñon, que, segundo a leitura de Moniz (1993), apresenta um projeto literário livre e audaciosamente construído desde o início da carreira. Observa-se que essa independência é marcada, principalmente, por não seguir alguns modelos fechados de escolas literárias. Nélide Piñon, que mostra uma literatura voltada para a fundação do discurso no plano do mito, diverge de alguns princípios do seus contemporâneos literários, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, autores da moderna literatura brasileira da década de 1960, que escolheram os caminhos do regionalismo e da literatura intimista, respectivamente.

Todavia, a autora não recua de seu projeto, segue firme com tal propósito, defendendo seu espaço e assumindo a responsabilidade de estilo e de escrita, e muitas vezes, quebra regras tradicionais da língua portuguesa, subvertendo gêneros. A esse respeito, Moniz (1993) se posiciona:

Ela nunca abriu mão do que considera sua obrigação como escritora, fato que pode ser verificado em várias instâncias dos seus livros, assim como em numerosas entrevistas concedidas através dos seus trinta anos de carreira, e corrobora o empenho, a convicção inabaláveis de sua profissão de fé. (MONIZ, 1993, p. 14).

Assim, reconhecida pela crítica por sua postura de transgressão e rebeldia, ressalta-se que, de fato, o que marca sua narrativa de forma peculiar é a subversão da sintaxe oficial, que a autora propõe em sua prosa poética. Sobre tal fato, se posicionou em diversas entrevistas, afirmando que essa característica, vem dos seus primeiros textos literários:

Aos quinze anos comecei a escrever uns contos muito tradicionais, umas histórias com sequências rígidas, de linguagem convencional, em que se podia facilmente prever a frase seguinte. Certa vez, o personagem de um conto estava dominado pela angústia. Então escrevi: “Fulano subia a ladeira íngreme”. Lembro-me bem deste episódio. Era um conto bem feitinho, até batido à máquina. Sei apenas que levei um choque tão grande ao ler “ladeira íngreme” que logo descobri que não pretendia passar a minha vida, que eu sabia que ia ser fecunda, rica, voraz, ansiosa por expor-se simplesmente escrevendo “ladeira íngreme”. (PIÑON, 1986, p.14-15)

Destaca-se que essa particularidade é muito constante nos padrões de seus romances iniciais. Como observa Zolin (2003), estudiosa da narrativa de Nélide Piñon, a escritora elabora em sua escrita constantes inovações no plano sintático da língua portuguesa. A crítica ressalta que esse trabalho especial com a linguagem faz parte dos alicerces de toda a sua produção, tornando-se a matéria-prima fundamental dos seus textos.

Piñon apresenta uma linguagem diferenciada e intensamente poética e faz uso de uma língua culta, entretanto, não deixa à margem as oralidades do cotidiano. Alberto Mussa (2015), em prefácio à edição comemorativa de *A República dos Sonhos*, defende esse aspecto, como algo raro na literatura brasileira, fazendo da escritora, nesse ponto específico da escrita, herdeira de Machado de Assis:

Aliás, quando Nélide Piñon emergiu na prosa nacional, com Guia Mapa de Gabriel Arcanjo, em 1961, já fez abrindo nova senda, inaugurando uma linhagem romanesca – ao unir, entre outros elementos, um fundo verdadeiramente mítico a essa dicção tragicizante. Pinço, por exemplo, uma das falas da personagem Gabriel: *Apascenta-te, Mariella, e seja minha ovelha!* Do mesmo modo, anuncia o anônimo pai de Marta, a protagonista de *A casa da paixão*, novela de 1972: *Se é de Macho que ela precisa, eu lhe darei.* (MUSSA, 2015, p. 8).

Como uma artífice da palavra, Piñon faz uso em seus textos da invenção poética, que fundamenta toda a sua gênese de criação, sem interesse algum em evocar filiação com quaisquer movimento literário; sua fidelidade, portanto, se faz apenas para a sua Literatura.

Quanto à imaginação, essa se constitui como mola mestra do seu projeto literário. Segundo Moniz (1993) p.44, é “a pecha molar da carpintaria literária”. Ressalva a estudiosa que a escritora recusa a veia documental e realista, e alicerça suas raízes no uso total da liberdade do ato de criar.

De tal modo, esse horizonte é marcante em sua narrativa, e a sua biografia contribui muito para essa natureza criativa. Segundo a própria Nélide, herdou dos seus ancestrais ibéricos a matriz inicial do projeto criativo. Como se vê no *Mito da Criação*, no qual faz uma espécie de profissão de fé ao ofício da escrita:

A minha vida, como a de todo escritor, está possivelmente embutida no texto, ali cravada como uma lança. E sobre esta vida e este texto, só posso me referir com absoluta realidade. Aprendi, no entanto, com meu avó Daniel, desembarcado na Praça de Mauá há setenta anos, vindo da Espanha, que antes mesmo do meu nascimento, antes de ofertar-me esta terra singular, iniciara ele, em meu nome, uma espécie de viagem que me caberia prosseguir desde que me habilitasse ao imaginário, às dúvidas, às incertezas. (PIÑON, 2016, p. 356).

Em tal texto, além de falar das heranças temáticas, a escritora carioca apresenta outros conceitos que alicerçam seus textos e que formam o horizonte da matriz literária, considerados por Moniz (1993) o *ars poética* da autora, o conceito mágico do universo, a noção sagrada da linguagem e, ainda, o desejo de preservar e dar continuidade à memória histórica. Desse modo, ressalta-se que é a partir desses horizontes que se firmam as diretrizes do fazer literário de Nélide Piñon.

No tocante a esse norteio, Moniz (1993), dialogando com Regis (1982), aborda as três funções da narrativa que permeiam toda a literatura de Piñon. Fundadas no plano estético doutrinário, são elas: a histórica, a poética e a sagrada. Quanto à histórica, na literatura da autora é feito o registro dessa realidade, entretanto, de forma diferente da convencional, uma vez que, privilegia em seus textos os valores existenciais poéticos. Em vez de gritar as mazelas sociais por meio literário, faz uso para a transformação de certos contextos sociais.

Já se prenuncia que é evidente esse aspecto, com relação à mulher, Nélide Piñon, evita o termo feminista, todavia, utiliza sua literatura para dar voz às mulheres. Como exemplo, os seus romances trazem, entrelaçados no discurso poético, o diálogo com as teses defendidas pela Crítica Feminista, alicerçados principalmente, nos perfis de suas protagonistas. Acerca de tal postura, Moniz (1993) afirma:

A revolução almejada por Piñon é outra. Ela trabalha no nível do cotidiano – aquilo que escritores empenhados em retratar os setores da massa popular, como João Antônio, chamam de “a realidade arrebatando” é que é urgente denunciar, retratar a miséria e a degradação moral. Ela trabalha com valores existenciais e poéticos, mas está longe de fazer uma literatura documental, como acusavam na época. (MONIZ, 1993, p. 19).

Portanto, dando voz ao ético por meio do estético, utiliza o ofício literário para denunciar certas realidades que foram silenciadas. De forma peculiar e poética, a escritora transgressora capta

o avesso da história para trazer à tona as versões dos que foram omitidos. Em entrevista ao *Jornal Globo* (1978), diz:

Talvez para um escritor de uma determinada classe social será difícil, em termos sociológicos, narrar as peripécias de um favelado. Mas ele, se tiver antenas subterrâneas, poderá chegar aos sentimentos desse operário. Você pode falar da fome, sem descrever a fome, não precisa apoiar-se no aspecto estatístico. Meus textos não tem vestimenta rígida, meus meios sociais não são definidos. Eu vou muito no humano, nos rostos, nos sentimentos dos rostos. (PIÑON, apud CARVALHO, 1978, s/p).

Assim, priorizando os valores humanos, os leitores de Piñon não encontrarão o viés histórico na ficção da autora de forma realista, uma vez que, Nélide, defende sua autenticidade na criação literária, característica que define a segunda função de sua literatura, a poética, marcada pela invenção, sobretudo no âmbito da linguagem.

Segundo Moniz (1993), trata-se de um projeto engendrado pela autora em subverter a sintaxe oficial, como já foi citado anteriormente. É um projeto peculiarmente audacioso no sentido de querer edificar e fundar utopias de linguagens, mediante um mundo próprio, autônomo, que se edifica a partir de suas próprias leis de criação. Como se vê em seu romance *Tebas do meu coração* (1975), narrativa que tem a invenção como alicerce fundamental, Nélide desenvolve sua própria estética literária, fazendo uso livre do processo criativo imaginativo.

Sobre isso, Nelly Coelho (1993), estudiosa da produção de Piñon, afirma que a escritora é comprometida com o ato do inventar, sempre em busca do insólito, do novo. Abre mão das sintaxes consagradas e, principalmente, dos conceitos e sistemas preestabelecidos; faz do texto literário um universo livre das amarras dos conceitos universais.

Quanto à última função, a sagrada, propõe o resgate, a busca da origem e a memória, traz a presença ainda do mito da criação, o mágico e o sagrado, sendo este último herdado da literatura hispano-americana, onde ela mantém raízes, principalmente com a literatura de García Márquez, Carlos Fuentes, Borges, Paz e Lezama Lima.

É importante ressaltar que dentro dessa última função estão presentes ainda o religioso e o erotismo, horizontes que aparecem sempre interligados na teia ficcional de Nélide Piñon. Entretanto, a autora aborda-os subvertendo algumas doutrinas e discursos, e ordenando sobre eles, a partir disso, perspectivas novas. Sobre isso, Moniz (1993) declara:

Há nela uma profunda paixão hierática, uma espécie de misticismo vitalista, não expresso em termos de filiação religiosa sectária enquanto marcada pelo catolicismo – conforme declarações em entrevistas, seu fervor religioso era menos cristão e mais panteístico, mas compartilha com a religião cristã a

afirmação sempre maior da vida, com seu “calor e vísceras” (*A força do Destino*), sobre a morte com o sentido tradicional cristão de uma vida eterna. (MONIZ, 1993, p. 31).

De tal modo, o discurso religioso propagado pela escritora não traz nenhuma filiação dogmática, tanto que a linguagem erótica que permeia a narrativa de Nélida Piñon é movida pela perspectiva da redenção, em uma proposta de respaldo, pois na sua literatura tal ato é configurado como uma espécie de ritual sagrado, o que vem a divergir com algumas perspectivas de doutrinas cristãs.

Quanto à mulher, é ressaltado pela crítica que há na obra de Nélida Piñon dois níveis básicos sobre a Teoria Feminista. O primeiro, consoante Dalma Nascimento (2016), refere-se ao papel subalterno na sociedade, algo peculiarmente desconstruído pela escritora. Piñon expõe, em toda a sua produção literária, mulheres emancipadas e questionadoras da sua condição.

Nélida Piñon dá voz em sua literatura às mulheres, para que elas protagonizem suas próprias histórias, contestando, na maioria das vezes, as normas sociais decorrentes da dominação patriarcal que impera na sociedade, principalmente em suas primeiras publicações. Isso pode ser comprovado com os perfis de suas personagens protagonistas, segundo a leitura da estudiosa Nascimento (2016):

Todas as mulheres de suas obras são corajosas: Mariella, em *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*; Ana, em *Madeira feita cruz*; Monja, em *Fundador*; Marta, em *A casa da Paixão*, Breta e Esperança, em *A república dos sonhos*; Caetana, em *A doce canção de Caetana*; Gênica, em *A roda do vento*, Leonora, em *A força do Destino* e ainda Scherezade em *Vozes dos deserto*, e no próprio desempenho da cidadã Nélida nas escritas que aparece sua biografia ficcionalizada. (NASCIMENTO, 2016, p. 22).

Tal característica é evidente desde do início de sua produção literária. A escritora carioca apresenta personagens femininas destemidas, que vão em busca do seu lugar na sociedade. Um exemplo disso é a própria Mariela, personagem principal de seu primeiro romance, publicado em 1961, que já apresentava um comportamento diferenciado, subvertendo normas sociais e religiosas.

O segundo ponto, quanto a essa temática na produção da escritora, tem relação com a polêmica da escrita feminina. De acordo com Nascimento (2016), a escritora não vê nenhuma diferença entre o texto feminino e o masculino. Tudo faz parte da literatura e, sendo ela universal, não precisa da especificidade dos sexos. Entretanto, em sua obra de ensaios, publicada em 2011 e intitulada de *O Presumível Coração da América*, Piñon declara:

Tenho gosto em servir à Literatura com memória e corpo de mulher. Em mim residem os recursos sigilosos que a mulher engendrou ao longo da história,

enquanto integrava o cerimonioso cortejo que a levaria a participar dos mistérios de Elêusis. Dependo, assim, do uso de múltiplas máscaras para iniciar a primeira fase do romance. Para melhor perseguir as instâncias do meu século e dos séculos pretéritos. Sob a custódia do tempo, sofro cada palavra que fabrico. (PIÑON, 2011, p. 13)

Ainda que se sinta uma privilegiada por alicerçar a sua literatura com a memória da mulher, e utilizando do diálogo do próprio Feminismo em praticamente todas as suas obras, Nélide Piñon se recusa a assumir a etiqueta da literatura feminista de forma panfletária. De forma diferente, utiliza seu texto literário para provocar no leitor a reflexão dessa problemática social. Portanto, sem rotular-se, a escritora argumenta em entrevista a Márcio Vassalo em novembro de 1994, ao ser questionada sobre esse aspecto:

Tenho pavor quando se fala em Literatura Feminina. O que é isso? [...] A literatura foi forjada pelo mundo masculino, infiltrada pela presença invisível da mulher. A mulher estava na cama para compor o seu quadro social narrativo. Na verdade, o escritor não tem limites. Ele é o homem, mulher, bicho, criança, pedra, mineral. Fala sobre qualquer coisa. E é Deus também. (PINÕN apud NASCIMENTO, 2016, p. 28).

Mostra-se defensora da universalidade literária, sem a necessidade de nenhuma forma de classificação. Em outro posicionamento da autora, reiterado em entrevista a Denise Oliveira, defende a importância do atributo estético na literatura, em detrimento a qualquer situação ideológica social:

A literatura deve ser avaliada pela sua qualificação estética, pelas suas vertentes, pela sua coragem de criação. Contudo, pelo fato da mulher ter vivido uma realidade escondida durante séculos, ela traz no seu arcabouço cultural, na sua psique, um sentimento cheio de ardis, de armadilhas. A mulher é alguém que acrescenta uma película de revelação desse mundo milenar que ela trouxe dentro dela e não pode expressar. Ela põe em xeque, ela critica uma sociedade na qual ela estava inserida, mas não tinha fala, não participava do debate. (PINÕN apud NASCIMENTO, 2016, p. 29).

Fica explícito, desse modo, que o silêncio da escritora em relação à bandeira do movimento é em consequência da defesa dos aspectos estéticos priorizados, visto que, prefere ser reconhecida pelo público por todas as qualidades que permeiam a sua literatura, e não somente pelo simples fato de ser mulher.

Pelo fato de a questão central do Feminismo transitar por toda a sua literatura, Piñon utiliza seus textos para trazer ao público reflexões sobre o papel da mulher. Esse aspecto é evidente em todas as suas produções, como exemplo, *Aprendiz de Homero (2008)*, na qual a escritora faz uma

seleta de ensaios para discutir sobre o tema, evidenciando neles a importância feminina. Nas palavras de Nascimento (2016), essa obra, se faz obrigatória para estudiosos que pretendem discutir a problemática de *gender*- um termo moderno para nomear a questão do gênero na concepção da Crítica Literária Feminina.

No ensaio intitulado *Jesus*, é peculiar o modo como a escritora ressalta que foi ele, o protagonista do Cristianismo, o primeiro feminista da humanidade. Cristo redimiu as mulheres, no jeito como as tratava, desarticulando de tal maneira as leis severas mosaicas que as dominavam na época:

Jesus amou as mulheres. Graças a Maria, familiarizou-se com aquela natureza arcaica, presente no mundo desde a sua fundação. Esforçou-se em vê-las através do filtro da justiça e da bondade. Tratou-as com deferência superior à prevista pelas leis mosaicas, ásperas e severas. E contrariando aquele Deus que no Antigo Testamento se recusava a aceitar as mulheres como interlocutoras, dirige as palavras, ouve seus lamentos. (PIÑON, 2008, p. 203).

Lúcia Zolin (2003), em análise sobre os postulados da Crítica Feminista na obra de Nélide Piñon, afirma que em diversos momentos a escritora deflagra diálogo com as tendências teóricas do pensamento feminino, chegando ao ponto de fazer prenúncios de tais questões, antes mesmo de surgirem no palco teórico das mulheres.

Nas obras iniciais da escritora carioca, peculiarmente expõe postulados do modelo Biológico e Psicanalítico da Crítica Feminista. Em *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* e *A Casa da Paixão* há a proeminência do diálogo da identidade feminina, bem como o resgate e a reinvenção do corpo. Nelas, em linguagem subversiva, a escritora desconstrói algumas leis mitológicas masculinas, como a Lei da Pai e da Virgindade. Já nas publicações mais recentes, segundo a estudiosa, Piñon parece dialogar mais com a tendência anglo-americana, especificamente com o modelo cultural da Crítica Feminista, em virtude de trazer reflexões sobre o aspecto geral do feminino.

Dessa forma, em tais publicações, em vez de apenas utilizar seus textos para certas denúncias sobre a discriminação com a mulher, Nélide Piñon reivindica visibilidade para elas, dando voz a mulheres destemidas, prontas para exercer qualquer papel dentro da sociedade. A autora traz, portanto, reflexões sobre o espectro da cultura das mulheres.

Posto isso, é importante para o objetivo do ensaio aqui proposto fazer um passeio pelas principais obras da escritora estudada. De antemão, esclarece-se que pelo fato de ser ampla produção, revisita-se apenas as principais, conforme os horizontes dos seus leitores críticos.

Dessa forma, não se pode deixar de mencionar seu primeiro romance, *Guia Mapa de Gabriel Arcanjo*, que veio a público em 1961, trazendo a temática religiosa, como já dito anteriormente,

entretanto com uma desconstrução dos fundamentos cristãos. Apresenta, quanto à estrutura, uma variedade de recursos retóricos e sintáticos. Pertencente à fase experimental, a narrativa se encontra na fase de aprendizado e amadurecimento, como coloca a própria autora. Queiroz, uma de suas primeiras leitoras (1961), declara no ano de publicação:

Estamos diante de Nélida, uma escritora de vinte e quatro anos, que escreveu seu Guia Mapa de Gabriel Arcanjo aos vinte e um e apresentou as provas mais irrefutáveis de esplêndida vocação. O estilo fascinante que nos dá períodos assim: “O vestido de Mariella tinha o vento da tranquilidade que precede os temporais”. É o vento que eu desejava dizer a esta jovem dotada, creio que até de traços de genialidade. (QUEIROZ apud LAGARDÈRE, 2013, p. 82).

Sendo recepcionada de forma satisfatória pela crítica, como se vê no fragmento acima, a obra apresenta ainda em suas características temáticas, o discurso sacro-erótico, principalmente com relação às personagens femininas. Em seu primeiro romance, Piñon explora a força espiritual e carnal da mulher, de tal modo que traz um diálogo entre o erótico e sagrado:

No texto de Piñon, Mariela se rebela contra o seu destino e explora novas opções e possibilidades de realização do amor na exaltação justamente da paixão em oposição àquele conceito de pecado transmitido a partir do século IV pelos ensinamentos de Santo Agostinho. Afirma em *Cidade de Deus* que o desejo e a paixão são considerados pecados e não o ato sexual em si, que é considerado benéfico, pois é a perpetuação da criação divina. (MONIZ, 1993, p. 49)

Portanto, subvertendo os padrões religiosos, o texto apresenta uma outra versão da Virgem Maria, uma heroína feminina diferente daquela estabelecida pela tradição. Escrito em prosa poética, o romance já sugere alguns elementos basilares de toda sua escrita literária, detalhe de elementar importância para compreensão de sua narrativa.

Em 1972 é publicado o que é considerado pela crítica um dos mais importantes romances de Nélida Piñon: *A Casa da Paixão*. A narrativa traz como elemento fundamental da trama o erotismo e a descoberta da consciência sexual do corpo. Na obra, o elemento erótico se faz presente com força total, todavia fiel à proposta de redenção. Acerca do romance, Regis (1982) pontua:

O elemento erótico, nesta narrativa, está ligado ao conceito de vida como redenção do signo e da carne pela matéria sacramentada do corpo. O romance oferece um roteiro para a descoberta do nascimento; a terra/corpo de Marta (senhora de sua casa) é o altar do sacrifício em que se privilegia a sensibilidade da matéria disposta a transformar-se pelo fogo (sol) da inteligência universal, dedicada à revelação da realidade e anunciação do mistério. O corpo, que é a casa da paixão, lugar onde a vida se faz pela concepção do verbo eterno, é também casa do espírito, do significado fecundado pela paixão do conhecimento. (REGIS, 1982, p. 122).

Há também em *A Casa da Paixão* uma continuação da gênese da criação de Nélide Piñon, já iniciada nos primeiros romances, principalmente no que se refere ao aspecto religioso, presente na linguagem bíblica, e no diálogo com a tradição judaico-cristã. Nas palavras da estudiosa Muniz (1993), a escritora expõe a busca da essência psicológica tanto masculina quanto feminina, e ainda sugere uma revisão das políticas dos sexos.

Ressalta-se que, de fato, a escritora propõe em sua narrativa o direito próprio da mulher viver sua sexualidade, sem a obrigatoriedade do sexo apenas para a reprodução. Há no texto um profundo diálogo com o modelo psicanalítico da Crítica Feminista. O que vem a ser confirmado pela autora:

É um texto em que talvez o discurso feminino alcance uma proeminência muito grande. É a história da relação amorosa de uma mulher. Como ela inaugura o corpo. E como o corpo, uma vez inaugurado amorosamente erotizado, altera o pensamento. (PIÑON, apud PROENÇA FILHO, 1998, p. 4).

Por sua vez, Dalma Nascimento (2016), em análise sobre o romance, afirma que na narrativa a escritora não fugiu por tangentes, ao refletir sobre o problema do pecado, visto que o corpo é considerado pelos cristãos como a casa de Deus. De forma audaciosa, ela não marginalizou o sexo, ressaltando que a sua literatura não é gerida por fluentes de conceitos morais.

Em 1973 entra em cena *Tebas do Meu Coração*, no qual entrecruza sonho e realidade para contar a história dos habitantes de Santíssimo. Uma cidade modesta, premiada como uma variedade de tipos humanos que rendem uma galeria de personagens ricas e prodigiosas. Permeado pelo discurso fantástico maravilhoso, a obra é construída sem divisões de capítulos, em uma estrutura composicional de 404 páginas.

Há nela, toda a proposta estética literária de Nélide Piñon, principalmente quanto à criação imaginativa. O sétimo romance foi escrito em meio ao período ditatorial brasileiro, entretanto, a obra reflete esse contexto histórico de forma metafórica, privilegiando questões existenciais, sem compromisso com ideologias, o que vem a ser uma característica da narrativa da escritora, nas fases experimental.

Reconhecida pelo estilo de transgressão dentro da Literatura, como se vê de fato nas palavras de Muniz (1993), afirmando que em tal romance aflora a resistência a qualquer ideologia autoritária, que queira dominar o pensamento humano. Sobre essa postura da autora, a estudiosa tece:

Tebas do meu coração é um romance que examina e testa, sistematicamente, os limites do gênero. Toda e qualquer expectativa do leitor, quer seja o tradicional, quer seja

o de vanguarda, é desequilibrada totalmente. A nenhum desses leitores se oferece a segurança ou o conforto das convenções ou dum “código” experimental conhecido (porque consagrado) que garanta a comunicação. (MONIZ, 1993, p. 100).

Em vista disso, a narrativa se configura em um projeto audacioso no âmbito da linguagem, entremeado de crítica e paródia carnavalesca, refletindo de forma lúdica a realidade nacional e subvertendo todas as regras tradicionais; desarticulando, portanto, toda e qualquer leitura que não tome esse caminho.

Em 1978, é publicado *A Força do Destino*, romance de transição para a fase Moderna da escritora carioca, proveniente de um momento brasileiro de grande censura cultural, o período da Ditadura militar. Sobre a obra vale ressaltar que se trata do oitavo romance de Nélida Piñon, e traz em suas páginas uma paródia da ópera de *Giuseppe Verdi*, compositor do período romântico italiano, considerado o maior nacionalista da Itália.

No entanto, a narrativa se faz pelo caminho do humor, em que ridiculariza os melodramáticos episódios românticos do texto original e aponta indícios dos novos caminhos estéticos tomados pela autora na fase moderna. Para a estudiosa Dalma Nascimento (2015):

Em *A força do Destino*, intensifica-se o artifício parodístico, porém com outra intenção. Se propõe discutir a realidade nacional [...] segundo a tradição de sucessivas adaptações, Nélida também a adaptou a seu modo e de uma maneira inusitada a peça. Foi, sem dúvida, um extraordinário golpe de mestre desferido pela a escritora brasileira em 1977, justamente num momento de transformações narratológicas, sobretudo na França. (NASCIMENTO, 2015, p. 45).

Embora a mesma preocupação estética da autora ainda permaneça, percebe-se que diferentemente dos primeiros trabalhos, o romance já apresenta mudanças perceptíveis nos temas literários. Nele, mesmo utilizando a paródia, a escritora capta bem mais o contexto da realidade, entretanto, sempre favorecendo a nível das relações humanas.

Após essa obra, surge em 1984 o que foi eleito pela crítica da escritora o mais importante romance, *A República dos Sonhos*. Em suas 761 páginas divididas em 37 partes sem títulos, o romance traz a história de Madruga, personagem audacioso que resolve fazer da América seu destino. A obra demarca eventos que vão desde a infância do protagonista, em 1900 na Espanha, sua chegada ao Brasil, em 1913, até sua vivência familiar 70 anos depois, em 1983.

Considerado pela crítica o cume da produção literária da autora, nesse romance, Nélida Piñon apresenta história e ficção, bem como o real e o imaginário em um peculiar encontro. Há, ainda, nas páginas de sua narrativa, um sutil cruzamento dos aspectos da cultura brasileira com elementos da universalidade literária. Faz necessário ressaltar que com o romance de 1984 inicia-

se a fase moderna da escritora, na qual se percebe, um período de maturidade em que se sobrepõe uma artífice mais segura da performance política e de seu ofício de escrita.

Em *A Doce Canção de Caetana* (1987), romance da fase moderna, na qual a autora dialoga mais com a realidade nacional, expõe uma reflexão sobre o Brasil a partir do teatro circo mambembe. Com aspecto estrutural diferente das obras iniciais, apresenta uma linguagem bem mais clara e enredo linear, exhibe ainda a ilusão da arte como alicerce na narrativa.

A história é ambientada nos anos 1970, quando a ilusão da arte perpetuava sobre a realidade torturante da falta de liberdade decorrente ainda do período ditatorial. Na leitura de Zolin (2008):

Em meio a um enredo simples – que gira em torno do regresso da protagonista Caetana a Trindade, após viajar pelo país durante vinte anos, no intuito de alçar o reconhecimento de seu trabalho de atriz mambembe –, subjaz um clima de desencanto em relação a condição do artista no Brasil, desprovido de sua identidade e do reconhecimento de sua profissão, além dos problemas surgidos com a chegada da velhice. (ZOLIN, 2008, p. 26).

Segundo o olhar da estudiosa, o romance evidencia alguns problemas sociais inseridos na vida da personagem Caetana. Apresenta com delicadeza, sem demasiado teor documental, alusões a eventos históricos e políticos. Nélide Piñon evita de tal maneira que o objeto artístico seja um simples simulacro de ideologia: “Tratei de dissolver essas nódoas políticas com muita cautela, para que o leitor veja se lhes convém” (PIÑON, 1986 p. 26).

Não se pode deixar de mencionar a única obra de literatura infantojuvenil da autora, publicada em 1996, *A Roda do Vento*. Segundo Dalma Nascimento (2015), nesse texto a escritora fabula uma narrativa do universo infantil, no qual a personagem tia Gênia, inventora de relatos, convida os sobrinhos Tarzan, Beijinhos e o amigo Baguinho, a mergulharem no submundo da imaginação. Faz uma releitura do gênio da lâmpada, história pertencente à coletânea de *Mil e Uma Noites*. Nas palavras da crítica, Piñon traz, nessa peculiar narrativa infantil, misteriosos caminhos de leitura que levam leitores de todas as idades a imergir no universo imaginário da autora.

Por fim, em 2004 lança *Vozes do Deserto*. Antes é relevante frisar, mais uma vez, que estão sendo pontuados apenas os principais romances analisados pela crítica da escritora carioca, o acervo literário de Piñon é composto de outras obras. O romance citado recebeu o prêmio Jabuti de melhor do ano, na época da publicação.

A história é ambientada na capital do Iraque, às margens do rio Tigre, portanto, aborda o universo árabe. Em tal romance, Nélide dá vida à audaciosa Scherazade, mulher transgressora, que vai à luta pelos direitos femininos diante da opressão do sultão. Conforme Nascimento (2015), o

romance transpira lendas, memórias, rituais, além de opressão, preconceitos, intrigas, tudo inspirado pelo meio em que se edifica.

A romancista apresenta *Vozes do Deserto* como uma releitura da saga de *Mil e Uma Noites*, clássico da literatura árabe. Entretanto, ela não se restringe somente aos enredos já conhecidos pelo leitor. De modo peculiar, põe em destaques dramas psicológicos decorrentes desse universo. Na leitura de Dalma Nascimento:

Com mais essa viagem da escritura a terras distantes, o imaginário “andarilho” de Nélide estabelece a ponte também com os textos voltados para o Oriente e mais uma vez para a questão da mulher. Temas ainda bem atuais, apesar das frequentes conquistas nesse âmbito. Ampliam-se, contudo, suas tramas para o cosmopolitismo universal, conforme vem ocorrendo nos novos estéticos nos fins do século XX e inícios do XXI. (NASCIMENTO, 2015, p. 50)

Ressaltando também o Oriente como espaço de suas narrativas, Nélide Piñon traz ainda, na trama do romance, o discurso erótico, um horizonte temático muito frequente em sua literatura. Segundo Nascimento (2016), com expressões fortes, mas sem utilizar a pornografia, a escritora utiliza o tom exato do erotismo.

Percebe-se que as narrativas da ficcionista edificam-se em constantes mudanças, ainda que mantendo fidelidade aos temas básicos. Estes renascem em novos aspectos acionados pela dinâmica do seu ato de escrita. O certo é que suas obras estão cheias de entrelaçamento estético, mítico, sagrado e histórico, o que lhe faculta diferentes caminhos de leituras. Este fato dá grande sustentação para a afirmação de Otavio Paz (2015, s/p): “O Brasil é a terra de uma das mais admiráveis romancistas da América Latina.”

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. In. PIÑON, Nélide. *A República dos sonhos*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- CARVALHO, Maria Angélica. *Nélide Piñon – Na força da Linguagem, a força do Destino*. Globo, 04/04/1978.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- COSTA, Maria Ignês Correa. *A criação a cada crise*. Jornal de Brasília, Suplemento, 13/07/1975.
- CUNHA, Helena Parente. (Org.) . *Desafiando o cânone: aspectos da Literatura de autoria feminina no Brasil na prosa e poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- LAGARDÉRE, B. *Tenho apetite de almas: uma fotobiografia de Nélide Piñon*. Rio de Janeiro: Editora Art Ensaio, 2013, p.82.

MONIZ, Naomi Hoki. *As viagens de Nélide Piñon, a escritora*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1993.

MUSSA, Alberto. A emersão de Atlântida. In: PIÑON, Nélide. *A República dos sonhos*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

NASCIMENTO, Dalma. *Aventuras de Nélide Piñon*. 1ed. Niterói- RJ: Pathenon Centro de arte e Cultura, 2016.

_____. *Nélide Piñon nos Labirintos da memória*. 1ed. Niterói-RJ: Pathenon Centro de arte e cultura, 2015.

PAZ, Otavio. In: PIÑON, Nélide. *A República dos sonhos*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

PIÑON, Nélide. *Guia Mapa de Gabriel Arcanjo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1961.

_____. *Madeira feita Cruz*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1963.

_____. *Tempos de Frutas*. Rio de Janeiro: Record, 1966.

_____. *Fundador*. Rio de Janeiro: Record, 1969.

_____. *A casa da Paixão*. Rio de Janeiro: Record, 1972

_____. *Sala de Armas*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

_____. *Tebas do meu coração*. Rio de Janeiro: Record, 1974.

_____. *A força do destino*. Rio de Janeiro: Record, 1974.

_____. *O Calor das coisas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *A doce canção de Caetana*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *A roda do vento*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. *O presumível Coração da América*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Vozes do Deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Aprendiz de Homero*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Livros das horas*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. *Filhos da América*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. *Embarque no sonho da república em mutação*. Entrevista. O Estado de São Paulo (28 out. 1986): 32-33.

PROENÇA FILHO, Domício. *A inquieta ficção de uma mulher cidadã e escritora*. Folha de São Paulo: 26 set.1998. Folha ilustrada, p.4.

REGIS, Sonia. *Sarça Ardente* (1982). In: PIÑON. Nélide. *A casa da Paixão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. Pósfácio.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: *Teoria literária: abordagens históricas e contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005, p.181-202.

_____. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós- modernidade. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.13 n.2, p.105 -116, jul./dez., 2009

_____. Desconstruindo a opressão: A imagem feminina em *A república dos sonhos* de Nélide Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

_____. A representação da mulher na narrativa de Nélide Piñon. Ano 3, v.5, n° .5- jan-jun de 2008.

_____. Pós Colonialismo, Feminismo, e Construção da Identidades Brasileira constituídas por mulheres. Maringá: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, N.21, 2012.